

## estrela de vestido azul e óculos escuros

salete oliveira

Stela do Patrocínio. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2001, 157 pp.

Stela rocha em menir. Stela estrela. Não uma estrela aleatória. Estrela do mar, assim ela designa seu nome. Estrela salgada de mergulhos rasos e profundos. Estrela na superfície da explosão de gases que lhe imprimem cor.

Stela-livro. A publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* é resultado do esforço de inúmeras pessoas que esbarraram em Stela em meio a sua existência livre, apesar de seu confinamento manicomial durante trinta anos. O livro foi organizado, cuidadosamente, por Viviane Mosé, em nove partes intituladas por versos extraídos dos poemas falados de Stela, pois ela fazia poesia falando: “Um homem chamado cavalo é o meu nome”; “Eu sou Stela do Patrocínio, bem patrocinada”; “Nos gases eu me formei, eu tomei cor”; “Eu enxergo o mundo”; “A parede ainda não era pintada de azul”; “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”; “Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum”; “Procurando falatório” e “Stela por Stela”. A Azougue-Editorial no gesto certo de argenteo-vivo presenteia a poesia com a presença da arte de Stela. A sensibilidade do editor e poeta Sérgio Cohn foi tomada pela palavra-invenção da estrela-salvo-argenteo.

Stela-Baía da Guanabara. O leitor é arremessado para dentro da boca banguela da artista repleta de seu “falatório”, como ela prefere dizer. A boca insubmissa que cospe psicotrópicos e ignorâncias. Ela sabe muito bem o que quer degustar. Gosta de cigarros, fósforos, bolachas de chocolate, coca-cola e óculos de sol. Não nasceu para pastar. Negra alta de porte altivo, caminhando elegantemente sobre o ossário do cárcere

manicomial, enfeitada de panos deixando antever seus braços pintados de branco. Espargindo em seu redor o desconcerto do ar no espaço vazio.

Stela foi apanhada na juventude, arrancada de seu vestido azul quando debruçava no chão da Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, na busca de seus óculos escuros. Stela foi apanhada aos 21 anos pelos voluntários da pátria e da normalidade da razão. Deram seu diagnóstico. Construíram Stela como doente mental: “personalidade psicopática mais esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”. Internaram-na em 15 de agosto de 1962 no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro. Mas ela no seu vestido azul só queria achar seus óculos escuros para ir até a Central do Brasil e depois a Copacabana. Seus óculos escuros quebraram. Em 1966 foi transferida para a Colônia Juliano Moreira, onde permanece até sua morte, em 1992. Acometida de uma hiperglicemia grave amputam-lhe uma perna. Stela, a partir de então, se nega a comer e a falar. Seu corpo é tomado por uma infecção. Arrancaram seus dentes, sua perna, seu vestido azul e seus óculos escuros.

Stela falatório-artista. Stela se negou a morrer todas as vezes que a mataram. Sua poesia é uma evidência disto. Evidência no sentido atribuído por Artaud ao afirmar que só acreditava nas evidências capazes de agitar sua medula e suas vísceras. A arte de Stela convulsiona os sentidos e subverte a linguagem. Contradiz a convenção formal que provoca a cisão entre a língua que fala e aquela que escreve. O dito do espaço grafado do papel jorra de sua boca no exercício de uma fala que não cessa de dizer. Escrita-gesto de saltos dos mil ritmos impressos por seu diafragma. Linguagem livre. Abolição da sintaxe. Língua e estômago exigentes. Estes eram seus instrumentos, aliados de sua paixão pela vida.

Stela-inventa-corpo. De gestos precisos faz nascer língua, pernas, cabeça, pés, estômago. *Milbichos*

reinventados. Distante e próxima do grito selvagem no silêncio do nada. Repleta no vazio transbordante da guerra incessante contra paredes brancas, paredes pintadas de azul. Guerra declarada contra o confinamento, em favor da vida. Stela não se engana, na batalha entre razões soberanas em nome da verdade centralizada, ela afirma: “só o cientista vence outro cientista”. Stela intensifica suas cores na tessitura escatológica de quem se sabe viva. Seu gesto-força sofisticada a crueldade. Coragem audaz na ultrapassagem do gozo. Instante átimo no vácuo de sua boca antropofágica. Engolir Stela é um convite e um risco, para quem, como ela, ainda se sabe vivo.